

A ÚLTIMA FLORESTA: o que realmente importa?

Queren Souza de Castro¹; Selmo Azevedo Apontes²; Aline Andréia Nicolli³

¹Curso de Licenciatura em Letras-Francês, Universidade Federal do Acre, (queren.castro@sou.ufac.br); ² Centro de Educação, Letras e Artes, Universidade Federal do Acre; ³Centro de Educação, Letras e Artes, Tutora do Grupo Pet: Conexões de Saberes: Comunidades Indígenas, Universidade Federal do Acre.

Ciências Humanas, Conexões de Saberes: Comunidades Indígenas; Universidade Federal do Acre, MEC/FNDE

RESUMO

O presente texto apresenta algumas inquietações que emergiram a partir da análise do Filme “A Última Floresta”, lançado em 2021, dirigido por Luiz Bolognesi, com especial destaque a participação de Davi Kopenawa Yanomami. Trata-se de uma apresentação da vida real, das drásticas situações ocorridas, ao longo das últimas décadas, na comunidade Yanomami. O filme apresenta uma narrativa que evidencia a necessidade e urgência do povo brasileiro conhecer e respeitar a cultura indígenas e das autoridades deixarem de se omitir e se tornarem, de fato, como o são de direito, os responsáveis pelo patrimônio cultural e natural do Brasil, reconhecendo principalmente que os povos originários são os responsáveis pela preservação da Floresta Amazônica e, considerados, os “Últimos Filhos de Omama”.

Palavras-Chave: Povos Indígenas, A Última Floresta, Bem Viver.

INTRODUÇÃO

Inicialmente apresentaremos uma descrição técnica e as primeiras impressões sobre o Filme “A Última Floresta” considerando que nosso objetivo quando nos propusemos a realizar a análise para responder a seguinte questão: O que realmente importa no enredo do filme “A Última Floresta? Os Yanomami são uma sociedade de caçadores-agricultores da Floresta Tropical do Norte da Amazônia. São constituídos por dois conjuntos: cultural e linguístico. São formados por subgrupos que falam a mesma língua (Yanomami-Povos Indígenas no Brasil). A forma como o documentário é relatado na língua Yanomami evidencia a valorização cultural e linguística presente no lugar, bem como os contos narrados por eles mesmos e costumes culturais e artesanais são transparecidos a todo momento durante a narrativa.

“A Última Floresta” é uma obra desenvolvida para analisar aspectos a serem pensados a partir de uma ideia de conscientização e apoio a luta dos Indígenas

aldeados contra toda a força do garimpo ilegal presente em nosso país, principalmente, em extensões de terras indígenas. Analisaremos a partir de um ponto de vista crítico, descrito pelos produtores, o contexto no qual indígenas estão vivendo/sobrevivendo junto às suas comunidades. A realidade explicitada não é apenas a do Povo Yanomami, mas da maioria dos Povos Originários que, ano após ano, estão sendo ameaçados, sofrendo violência física, manipulação e acompanhando a poluição dos seus territórios causada pelos garimpeiros.

Além disso, “A Última Floresta” foge do roteiro pré-estabelecido. “A Última Floresta” se apresenta de outra forma. Ele não usa a força da imagem e o poder da narrativa como parte de um projeto que se caracteriza pela repetição de um *modus operandi* caracterizado pelo ato de apossar, pilhar, destruir e seguir. Dito de outra forma, pilhar o que se puder de qualquer tipo de riqueza, destruir a qualquer preço toda tentativa de revolta e seguir para o próximo território intocado. Ao contrário, ele impede, pela força de suas imagens e pela profundidade da sua narrativa, o rompimento de um ciclo instituído ainda no período colonial, por meio do qual as mesmas “técnicas de contato” eram repetidas para ratificação e manutenção da colonização, do silenciamento e do apagamento do outro.

METODOLOGIA

A Última Floresta foi objeto de discussão do Grupo Pet, em uma, das várias atividades, realizadas em decorrência do Abril Indígena. Assim, naquele momento, nos debruçamos em explicar, esclarecer e entender, mesmo que ainda de forma preliminar, o funcionamento da obra cinematográfica e, para isso, optamos por olhar o filme como um todo para, a partir desse olhar, encontrar elementos que pudessem, de alguma forma promover, mais e melhores reflexões, com o intuito de refletir sobre a questão posta: O que realmente importa no enredo do filme “A Última Floresta”?

RESULTADOS E DISCUSSÕES: O que realmente importa...

Os indígenas da aldeia Yanomami, localizada nas terras amazônicas do norte do Brasil, expõem, no filme “A Última Floresta”, as riquezas naturais que a Floresta Amazônica possui e a forma como vivem/apreciam/se relacionam com a mãe natureza. A narrativa destaca aspectos acerca da existência dos povos originários que possuem suas terras na fronteira do Brasil com a Venezuela e dá ênfase às suas histórias, especialmente, as relações que estabelecem com seus ‘deuses’ e

antepassados, sua origem e a forma como admiram a beleza e se relacionam com os rios, árvores, lagos, cachoeiras, animais do lugar.

O enredo demonstra os Yanomamis conversando entre si utilizando sua língua mãe. É assim que eles relatam a invasão dos garimpeiros em suas terras e explicam os motivos delas ocorrerem, bem como as caracterizam como ameaçadoras e prejudiciais à manutenção da vida do Povo e da Floresta. O filme preocupa-se em divulgar a cultura do Povo Yanomami e a importância dela ser valorizada e respeitada. Da mesma forma, denuncia situações preocupantes relacionadas ao desmatamento e a poluição causada pela fiação e cata da atividade garimpeira. De início ao fim, “A Última Floresta” cumpre seu objetivo de nos trazer uma outra experiência estética, pois utiliza a linguagem cinematográfica para denunciar o que, ao longo da história, ocorre na Terra Indígena Yanomami. Sim, ao longo da história, porque essa invasão e exploração não são recentes, não são pontuais, não são únicas. Elas ocorreram em 2019, com a invasão de 20.000 garimpeiros, mas se repetem desde 1986. Nesse contexto, “A Última Floresta” se faz e refaz em duas frentes: I) a atuação dos garimpeiros em território Yanomami e II) os danos causados aos Yanomami pela atuação dos garimpeiros.

O contexto, apresentado no filme, nos traz a possibilidade de analisar os acontecimentos trágicos que vem ocorrendo, sucessivamente, nesses últimos tempos em Terras Indígenas. Os Povos Indígenas, de todas as regiões do Brasil, estão visivelmente desamparados pelo poder público que, especialmente, por omissão, agrava a precariedade da manutenção da vida nas aldeias, No entanto, apesar das circunstâncias, como pode-se perceber, no caso dos Yanomamis, eles não perdem a força para lutar por justiça e, para isso, procuram apoio de estudiosos e autoridades que reconhecem a importância da preservação das riquezas culturais dos povos originários e das riquezas naturais amazônicas. Ante o exposto, vale registrar que, nos primeiros minutos do enredo, Davi Kopenawa Yanomami envia uma mensagem direta à sua comunidade dizendo o seguinte: *“Os brancos não nos conhecem. Seus olhos nunca nos viram. Seus ouvidos não entendem nossas falas. Por isso, eu preciso ir lá aonde vivem os brancos. Por que é preciso ir lá? Fazer o que nas terras dos brancos? Não devemos ter medo. Eles não conhecem os Yanomami de perto. Não quero ir para lá levar comida de festa nem dança folclórica. Por sermos filhos de Omama, os últimos filhos da floresta, precisamos lutar para nossas crianças crescerem saudáveis, e nossas filhas crescerem e virarem moças.*

Preciso ensinar o nosso pensamento a eles.”

Nota-se que, o fato “dos brancos” não terem conhecimentos e nem respeito pelos povos originários do Brasil é o que move Davi Kopenawa Yanomami a procurá-los, de forma que possa ser ouvido e que seu testemunho se torne conhecimento e seja divulgado para o maior número possível de pessoas e que tomem ciência do que está acontecendo, de fato, com o Povo Yanomami. Tem-se ainda a forte intenção de demonstrar a luta de Davi Kopenawa para que as crianças cresçam saudáveis e para que as meninas possam virar moças. Para isso, ele acredita que deve ensinar o pensamento dos Yanomamis aos brancos, de forma que, nesse movimento, a cultura e as crenças do povo Yanomami sejam divulgadas e, mais do que isso, compreendida e respeitada. Tal situação se efetiva, pois além das imagens exibidas no Filme há, nos últimos tempos, diversas notícias sendo veiculadas nacional e internacionalmente, mostrando as barbáries que estão acontecendo, nesses últimos anos, tanto com o Povo Yanomami, como com a Floresta Amazônica.

Ante o exposto, cabe destacar que “A Última Floresta” está longe de ser apenas uma produção estética, um filme fast-food ou de entretenimento: para consumo, distração ou simples divertimento. “A Última Floresta” dá voz ao outro e ao seu contexto e exige, de nós, espectadores, que enxerguemos o outro e ouçamos sua voz para compreendermos sua história, seus valores, sua identidade. Assim, Davi Kopenawa Yanomami busca mostrar uma narrativa esquecida, abafada pelos projetos de representação e de construção visual e, para isso, a linguagem cinematográfica o ajuda na construção de novos parâmetros estéticos, pois a apropriação de tecnologias se faz não mais para o entretenimento, para diversão, ou para distração. A apropriação de novas tecnologias se coloca à disposição de um projeto que denuncia os impactos causados pelas sucessivas ondas de invasões: uma tentativa de matar a “última floresta” injetando veneno, e liberando a fumaça da doença.

Na primeira frente, “A Última Floresta” evidencia que embora os garimpeiros sejam os responsáveis pela extração do minério e, de fato, os invasores das terras indígenas, não são os que ficam com o lucro, pois são apenas uma engrenagem de pilhagem e representam a desigual lógica do fundamento do sistema capitalista versus a lógica do sistema econômico da partilha. Na lógica do sistema econômico da partilha: a equidade, a divisão e partilha de bens não o tornam menos rico, os

sistemas econômicos de geração de bens são suficientes para a partilha. É a lógica econômica do BEM VIVER que organiza a função dos bens comunitários.

Depois, na segunda frente, uma reflexão ampla e profunda sobre a floresta e sua função de beneficiar a todos: aqueles que têm e os que não têm! Caracteriza, nesse sentido, os Yanomamis, assim como todos os povos indígenas, como sendo os guardiões das florestas. Além disso, nos instiga a refletir sobre o fato de que não se pode retirar minério da terra porque Omama enterrou os espíritos maléficos e a fumaça das doenças embaixo da terra com o minério. Caso ele for retirado, despertará a fumaça das doenças. A “A Última Floresta” mostra a ação de Davi Kopenawa Yanomami como tradutor de mundos, um tipo de embaixador da paz, embaixador do povo, embaixador atuando para evitar a guerra, para evitar as mortes. Alguém que lança sua voz para combater um projeto de morte, um projeto de neocolonialidade calcado no projeto de BEM VIVER dos povos tradicionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos fatos é necessário lutar em prol da preservação dos povos originários, presentes em terras amazônicas, e de seu patrimônio cultural e natural. Para tanto, o combate à desvalorização e ignorância em relação aos povos originários se dará à medida que forem veiculados aspectos legais e políticos de preservação e respeito como, por exemplo, os expressos na Lei nº 6.001, de 1973, que instituiu o Estatuto do Índio, e que em seu art. 6º destaca a importância do respeito aos costumes e tradições que a comunidade indígena obtém e seus efeitos, nas relações de família, na ordem de sucessão, no regime de propriedade e nos atos ou negócios realizados entre índios, salvam-se aqueles que decidem pela aplicação do direito comum.

REFERÊNCIAS

AÇÕES do governo Bolsonaro chegam a apenas 2% dos garimpos na terra Yanomami, e faltam aviões. Folha de São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2022/05/acoes-do-governo-bolsonaro-chega-m-a-apenas-2-dos-garimpos-na-terra-yanomami-e-faltam-avioes.shtml>,. Acesso em 24 de mai de 2022.

AMAZÔNIA: 73% do desmatamento para garimpo aconteceu em áreas protegidas.

UOL, 2022. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/temas/meio-ambiente/amazonia-73-do-desmatamento-para-garimpo-aconteceu-em-areas-protegidas/>. Acesso em 20 de mai de 2022.

BOLOGNESI, Luiz. **A última floresta**. Netflix, 2021. Disponível em: Yanomami - Povos Indígenas no Brasil. Acesso em 17 de mai de 2022.

BRASIL. **Lei nº 6.001, de 19 de dezembro de 1973: Estatuto do Índio**. Disponível em: Casa Civil - Subchefia para Assuntos Jurídicos, 1973. Acesso em 28 de mai de 2022.

MANGUEL, Alberto. **A cidade das palavras**: as histórias que contamos para saber quem somos. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.